



O sacerdote do deus sol ascende em Roma: a representação do aspecto religioso do imperador Heliogábalo nas documentações (218-222 d.c.)

The priest of the rising sun god in Rome: the representation of the religious aspect of the emperor Heliogabalus in the documentation (218-222 ad)

El sacerdote del dios sol naciente en Roma: la representación del aspecto religioso del emperador Heliogábalo en la documentación (218-222 d.c.)

Carlos Augusto Lima Barros [*]

[*] Mestrando em História pela Universidade Federal do Maranhão na linha Linguagens, religiosidades e culturas na área de concentração Histórias e conexões atlânticas: culturas e poderes. Graduado em História pela Universidade Estadual do Maranhão. Realiza pesquisas nas áreas de Antiguidade, gênero, sexualidade e representações antigas e contemporâneas do imperador romano Heliogábalo (218-222 d.C.). E-mail: carlos.barros1300@gmail.com.

Resumo: Heliogábalo foi um jovem imperador sírio que ascendeu ao trono aos catorze anos graças a um golpe de estado arquitetado por sua avó, Júlia Mesa, no então atual imperador de Roma, Macrino (217-218 d.C.). Relacionado a sua origem na cidade de Emesa, na Síria, estava o culto ao deus-sol sírio Elagabal, cujo o qual o imperador era sacerdote antes de sua ascensão e mesmo após se tornar governante do Império Romano continuou com suas atividades sacerdotais em Roma. Esse artigo pretende analisar o aspecto religioso do imperador Heliogábalo a partir das documentações, entendendo os escritos enquanto representações sobre sua imagem.

Palavras-Chave: Heliogábalo; Elagabal; Império Romano

Abstract: Elagabalus was a young Syrian emperor who ascended to the throne at the age of fourteen thanks to a coup d'état orchestrated by his grandmother, Julia Maesa, against the current emperor of Rome, Macrinus (217-218 AD). Related to his origins in the city of Emesa, in Syria, was the cult of the sun god Elagabal, of which the emperor was a priest before his ascension and even after becoming ruler of the Roman Empire he continued with his priestly activities in Rome. This article aims to analyze the religious aspect of the emperor Elagabalus based on the documentation, understanding the writings as representations of his image.

Keywords: Elagabalus; Elagabal; Roman Empire

Resumen: Heliogábalo fue un joven emperador sirio que ascendió al trono a los catorce años gracias a un golpe de estado orquestado por su abuela, Julia Mesa, contra el entonces emperador de Roma, Macrino (217-218 d.C.). Relacionado con su origen en la ciudad de Emesa, en Siria, estaba el culto al dios sol Elagabal, del que el emperador era sacerdote antes de su ascenso al trono e incluso después de convertirse en gobernante del Imperio romano continuó sus actividades sacerdotales en Roma. Este artículo pretende analizar el aspecto religioso del emperador Heliogábalo a partir de la documentación, entendiendo los escritos como representaciones de su imagen.

Palabras clave: Heliogábalo; Elagabal; Imperio romano

Introdução

Heliogábalo foi um jovem imperador que ascendeu ao trono aos catorze anos, graças a um golpe de Estado arquitetado por sua avó, Júlia Mesa, contra o então imperador de Roma, Macrino (217–218 d.C.), ocasionando sua queda e a ascensão do seu neto, com a importante contribuição e apoio de legiões romanas¹ estacionadas na Síria, terra natal do imperador.

Sua origem remonta à cidade de Emesa, na Síria romana, onde era sacerdote do chamado deus-sol sírio Elagabal. Segundo os registros, sua ligação religiosa com a divindade era tão forte que permaneceu mesmo após se tornar governante de Roma.

Em relação a Heliogábalo, temos três principais fontes escritas que tratam sobre ele: *História de Roma*, de Dião Cássio; *História de Roma depois de Marco Aurélio*, de Herodiano; e a *História Augusta*. A primeira e a segunda localizam-se no século III d.C., sendo contemporâneas ao imperador e, consequentemente, consideradas fontes mais seguras. A terceira, por sua vez, tem sua redação creditada ao século IV e, apesar de alegar ter sido composta por diferentes escritos antigos, estudiosos atribuem sua produção a um único escritor antigo que utilizou pseudônimos.

As três fontes acima expostas partem de uma perspectiva aristocrática romana. Dião Cássio foi um grego que teria nascido em Niceia, na Bitínia². Sua família teria pertencido a uma classe social favorecida e influente na política local, tendo sido seu pai um senador e governador de províncias imperiais (Esteves 2019, 195). Exerceu diversos cargos políticos em Roma, tendo sido

¹ Unidade do exército romano, composta por milhares de soldados que se dividiam em grupos menores que protegiam tanto Roma quanto seus domínios.

² Região localizada no noroeste da Ásia Menor, na atual Turquia.

senador, côsul³, curador⁴, além de exercer funções administrativas em províncias na África, Dalmácia e Panônia Superior (Esteves 2019, 196–197).

O escrito de Dião Cássio divide-se em oitenta livros, que se iniciam com a fundação de Roma, por ocasião da famosa lenda que atribui ao herói troiano Eneias — lendário personagem da *Iliada* e da *Eneida* — a fundação da cidade de Alba Longa, de onde surgiriam, posteriormente, os irmãos Rômulo e Remo. Esses personagens teriam sido os responsáveis por resgatar essa mesma cidade das mãos de um rei tirano e, por intermédio de Rômulo, fundar a cidade de Roma e torná-lo seu primeiro rei.

O escrito encerra-se no ano de 229 d.C., durante o reinado do imperador Alexandre Severo (222–235 d.C.), sucessor de Heliogábalo.

Parte do escrito de Dião Cássio foi perdida ao longo do tempo, tendo chegado até a contemporaneidade os livros de 36 a 60, que cobrem o período aproximado de 68 a.C. a 46 d.C. O restante foi restaurado por meio da reescrita de sua obra por escritores posteriores, dos séculos X, XI e XII (Esteves 2019, 201), incluindo-se aqui a história de Heliogábalo, que está presente no livro oitenta, o último.

Dada sua posição enquanto membro do círculo aristocrático tradicional de Roma, podemos supor que o público de sua obra era a elite senatorial romana e o próprio círculo imperial. Segundo Kemezis (2014, 148), já em Otávio Augusto (27 a.C. – 14 d.C.), o escritor antigo considerava a elite senatorial a “essência definidora do Estado romano”⁵ e apresentava as conquistas do imperador em consonância com a acomodação que este fez em relação a essa esfera de poder. Semelhantemente, Corrêa (2019, 26) afirma que Dião descreve os imperadores a partir de suas relações com o senado e com as questões políticas de sua própria época, o século III. Sua posição enquanto senador e a influência dos valores romanos em sua conduta marcam seu escrito, evidenciando, assim, um público mais elitizado.

Já Herodiano foi um funcionário público em Roma, podendo ter ocupado tanto a posição de senador quanto a de equestre⁶, tendo pertencido a uma alta classe social (Corrêa 2019, 35–36; Silva 2019, 18). Em relação à sua origem, existem suspeitas de que seria natural da Síria, dado seu vasto conhecimento sobre a região e o destaque conferido, em seu escrito, à cidade de Antioquia, bem

³ Eram magistrados com amplos poderes administrativos, legislativos e judiciais, surgiu ainda na República enquanto o cargo mais importante desse sistema político, continuou no período imperial, mas teve seu destaque diminuído graças a figura do imperador.

⁴ Funcionário imperial ou magistrado que desempenhava funções administrativas específicas como gerir o patrimônio público.

⁵ “defining essence of the Roman state”.

⁶ Uma das classes aristocráticas da Roma Antiga, composta por cavaleiros e oficiais veteranos.

como à forma como detalha o culto a Elagabal, sublinhando a natureza oriental de Heliogábalo (Silva 2019, 18–19). Contudo, alguns autores sugerem que teria sido grego ou oriundo de alguma província de fala grega — possibilidade mais viável, dada a escrita de sua *História* originalmente em grego e voltada para um público helênico, não necessariamente pertencente apenas à elite senatorial (Silva 2019, 19).

Seu escrito é um registro sobre os governos de diferentes imperadores romanos, dividindo-se em oito livros que abrangem o período de 180, início do governo de Marco Aurélio (161–180 d.C.), até 238, durante o governo de Gordiano III (238–244 d.C.). Sua produção apresenta uma narrativa mais direta, evidenciando os acontecimentos mais importantes em vez de tentar abarcar a totalidade dos eventos (Silva 2019, 15). Ademais, declara ter vivenciado os fatos relatados. O registro sobre Heliogábalo está presente em seu oitavo livro.

A *História Augusta* (2011) é a única das três fontes que foi escrita em latim. Tanto a data quanto a autoria de sua composição são objeto de debate acadêmico, pois, embora a obra declare ter sido elaborada ao longo de um período que abrangeria desde o século III e por diversos escritores antigos responsáveis pelas biografias dos imperadores, estudiosos apontam uma realidade distinta. A redação do escrito provavelmente situa-se na segunda metade do século IV d.C., durante o regime do Dominato⁷ (Cerri 2000, 43), embora haja quem defenda uma elaboração progressiva iniciada no final do século III e concluída no início do século IV (Corassim 1988, 154).

Segundo essa fonte, seis escritores antigos teriam contribuído com sua redação: Élio Espartiano, Júlio Capitolino, Vulcácio Galicano, Élio Lamprídio, Trebêlio Fólio e Flávio Vopisco. Contudo, tais nomes não são encontrados em nenhuma outra documentação textual. Além disso, a estrutura narrativa e a organização do conteúdo são bastante uniformes em toda o escrito, o que pode indicar a ação de um compilador único a partir de diferentes materiais, ou, como defende a maioria dos estudiosos, a autoria por um único escritor antigo (Cerri 2000, 32–33).

A *História Augusta* (2011) é composta por trinta biografias, chamadas *vitas* (ou "vidas"), que tratam não apenas dos imperadores, mas também dos coimperadores e usurpadores do trono, dando atenção a diversos personagens, inclusive àqueles cujo reinado foi muito breve ou sobre os quais há escassas informações. A fonte abrange o período de 117, início do governo do imperador Adriano (117–138 d.C.), até a morte de Numeriano (283–284 d.C.) e Carino (283–285 d.C.) entre os anos de 284 e 285.

⁷ Regime de governo do Império Romano, que começou no reinado de Diocleciano, em 284 d.C., marcado por uma monarquia militar e despótica, em que o poder do imperador era supremo e não mais compartilhado com o senado.

Para além das problemáticas mencionadas, há referências a documentos históricos falsificados (Silva 2016, 106), bem como a anacronismos, como menções a cargos e títulos que só surgiriam na segunda metade do século IV d.C., mas que são apresentados como existentes já em séculos anteriores (Cerri 2000, 33). Contudo, mesmo com essas inconsistências, a fonte ainda representa uma fonte relevante, pois traz informações ausentes em outros registros. Além disso, por ter origem na aristocracia senatorial romana, evidencia os interesses políticos e sociais da época em que foi escrita, exaltando o Senado enquanto critica os excessos dos imperadores e os ataques dirigidos aos senadores. Trata-se, como afirma (Silva 2016, 113), de "um constructo aristocrático acerca do poder imperial à época do Baixo Império Romano". A partir disso, é possível supor que seu público-alvo fosse a própria aristocracia senatorial.

Para a elaboração deste artigo, utilizaram-se as seguintes traduções: a versão em inglês de *A História de Roma*, de Dião Cássio, por Earnest Cary (*The Loeb Classical Library*, 1957); a versão em espanhol de *A História de Roma depois de Marco Aurélio*, por Juan J. Torres Esbarranch (Editorial Gredos, 1985); e a versão em português da *História Augusta*, por Cláudia A. Teixeira, José Luís Brandão e Nuno S. Rodrigues (Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos – CECH, 2011).

Com base nessas três fontes, este artigo propõe analisar o aspecto religioso presente na figura de Heliogábalo a partir da perspectiva da representação — conceito desenvolvido principalmente por Roger Chartier, que, em sua obra *História cultural: entre práticas e representações* (2002), entende representação como “matrizes de discursos e de práticas diferenciadas” (Chartier 2002, 18) inseridas na construção do mundo social, por buscarem orientar e regular os atos dos sujeitos. O autor argumenta que, nesse processo, manifestam-se estratégias dos grupos sociais que constroem essas representações, de modo a tornar o representado um reflexo da própria representação, consolidando, assim, formas de dominação conforme os interesses desses grupos.

Compreendendo a abordagem do imperador Heliogábalo nas fontes como representações construídas com o objetivo de moldar sua imagem de maneira específica, torna-se possível uma leitura crítica da maneira como seu aspecto religioso é retratado, considerando o contexto das fontes e dos escritores antigos que as produziram — o que constitui o objetivo deste artigo.

O deus-sol sírio: Elagabal

Segundo Gaston Halsberghe (1972, 26), desde o período monárquico romano já existia um culto a um deus associado ao sol, o *Sol Indiges*⁸, que foi referenciado em calendários do século IV a.C., inclusive em relação próxima com Júpiter⁹. Também aparece em um denário¹⁰ de 135 a.C., na forma de um sol representado em uma carruagem puxada por quatro cavalos.

[...] Os *Di Indigites*, as divindades autóctones, mais do que satisfaziam as necessidades religiosas dos romanos, um tanto pouco imaginativos. O quinteto dos deuses primitivos mais importantes, Jano, Júpiter, Marte, Quirino e Vesta, cuidava de todas as eventualidades, e cada um desses deuses tinha um grupo de adeptos, cada um dos quais tinha um papel mais ou menos claramente definido a cumprir. Além desses deuses principais e seus subsidiários, os primeiros romanos também adoravam outra série de divindades de menor hierarquia, com funções especiais relacionadas à agricultura, fertilidade, segurança, honestidade e assim por diante. Um lugar separado, mas não menos importante, era ocupado pelos Penates, Lares e Gênios que, juntamente com Vesta, eram adorados com ritos especiais, particularmente na intimidade do círculo familiar. Nesse complexo bastante dispar de divindades e seres deificados, um lugar menor, mas independente, era ocupado por Sol, o deus-sol, protetor da fertilidade, saúde e honestidade. Desde os seus primórdios, Roma deve ter conhecido e adorado uma divindade-sol.¹¹ (Halsberghe, 1972).

Esse culto percorreu a República, ganhando destaque nas moedas romanas, e continuou durante o Império, especialmente com Augusto (27 a.C. – 14 d.C.), que teria enviado dois obeliscos a Roma, os quais seriam dedicados ao sol (Halsberghe 1972, 28-29).

Essa adoração ao sol estava relacionada ao significado simbólico que o astro assumia para os romanos, pois, ao irradiar seu calor e sua luz, proporcionava fertilidade, abundância e servia como base para o estabelecimento da noção de tempo (Halsberghe 1972, 33).

Para além desse culto autóctone, Halsberghe (1972, 30) faz referência a outras formas de adoração solar presentes em diferentes localidades, como no Egito, de onde vieram os obeliscos,

⁸ O *Indiges* faz referência aos deuses que não foram adotados de outras mitologias, sendo considerados deuses originariamente romanos, logo o *Sol Indiges* era um deus sol original de Roma.

⁹ Deus romano do dia, do céu e do trovão e o rei dos deuses na mitologia romana, comumente identificado com o deus grego Zeus, logo era o principal deus da mitologia romana.

¹⁰ Pequena moeda de prata que possuía maior circulação no Império Romano.

¹¹ [...] The *Di Indigites*, the autochthonous deities, more than satisfied the religious needs of the rather unimaginative Roman. The quintet of the most important early gods, Janus, Jupiter, Mars, Quirinus and Vesta, took care of all eventualities, and each of these gods had a group of adherents, each of whom had a more or less clearly defined role to fulfil. In addition to these principal gods and their subsidiaries, the early Romans also worshipped another series of deities of lesser rank having special functions related to agriculture, fertility, safety, honesty, and so on. A separate but no less important place was occupied by the Penates, Lares and Genii who, together with Vesta, were worshipped with special rites, particularly in the intimacy of the family circle. In this rather disparate complex of deities and deified beings, a minor but independent place was taken by Sol, the sun god, protector of fertility, health and honesty. From its earliest times, Rome must have known and worshipped a sun deity.

que mantinha uma “adoração secular ao deus sol, onde os deuses da luz e dos céus eram tidos na mais profunda reverência...”¹².

No século II d.C., os deuses solares orientais ganharam destaque por meio da figura do *Sol Invictus*, divindade que representava um ser capaz de, após as trevas da noite, reaparecer todas as manhãs. Essa imagem inspirou imperadores a se identificarem com o próprio *Sol Invictus*, considerando-se indestrutíveis e vitoriosos.

A adoração a *Sol Invictus*, o deus-sol, começou a aumentar no século II, não apenas porque se dava mais atenção aos benefícios concedidos pelo sol a cada dia ou ao grande papel desempenhado pelo sol no sistema cósmico, mas também porque as cerimônias religiosas serviam a certas tendências políticas. A adoração ao sol não se baseava apenas em considerações filosóficas; também se fundamentava no dogma dos astrônomos sacerdotais orientais. [...] Ficções literárias e românticas contribuíram para a disseminação dessa teoria teológica, e os fins políticos do império eram atendidos por esses conceitos teológicos. Os imperadores passaram a se ver como comitês do deus-sol e se fizeram adorar como tal. Para eles, *Sol Invictus* tornou-se o Conservador. Eles também insistiram na realidade de sua descendência do deus-sol, com o resultado de que um culto público ao sol foi estabelecido. A propaganda literária, a pregação e a difusão dos ensinamentos pelos sacerdotes orientais que haviam atraído a atenção dos romanos, a atividade dos propagadores desses sistemas filosóficos, mas sobretudo o apoio oportunista dos imperadores, garantiram a supremacia incontestável do culto ao *Sol Invictus*. (Halsberghe 1972, 37).¹³

Com isso, pode-se notar a utilização simbólica do sol para fins políticos de legitimação e afirmação de superioridade. O deus solar funcionava como o coração do universo, um rei que regulava os demais corpos celestes — o que estava, evidentemente, diretamente ligado à figura do imperador.

Para além da adesão dos imperadores, outro importante vetor da difusão dos deuses solares orientais foram os legionários. Dadas as conquistas e a expansão romana, esses soldados mantiveram contatos muito próximos com os costumes, ideias e religiões de diferentes povos, como os da região da Síria — local que concentrava o maior número de soldados romanos no Oriente. Nessa região, mais especificamente na cidade de Emesa, os legionários entraram em contato com o *Sol Invictus Elagabal* e, mesmo antes da ascensão do próprio Heliogábalo, contribuíram para a difusão do deus sírio em Roma.

¹² “centuries-old worship of the sun god, where the gods of light and of the heavens were held in the deepest reverence...”

¹³ The worship of *Sol Invictus*, the sun god, started to increase in the second century not only because more attention was given to the benefits bestowed by the sun each day or the great role played by the sun in the cosmic system, but also because religious ceremonies served certain political tendencies. The worship of the sun was not solely based on philosophical considerations; it was also grounded on the dogma of the Eastern priestly astronomers. [...] Literary and romantic fictions contributed to the spread of this theological theory, and the political ends of the empire were served by these theological concepts. The emperors came to see themselves as the comites of the sun god, and had themselves worshipped as such. For them, *Sol Invictus* became the *Conservator*. They also insisted on the reality of their descent from the sun god, with the result that a public sun cult was established. The literary propaganda, the preaching, and the diffusion of the teachings by the Eastern priests who had attracted the attention of the Romans, the activity of the propagators of these philosophical systems, but above all the opportunistic support of the emperors, guaranteed the incontestible supremacy of the cult of *Sol Invictus*. (p. 37).

Uma descrição mais detalhada da figura de Elagabal pode ser encontrada em uma das fontes que abordam o reinado do imperador Heliogábalo: Herodiano (V 3, 4–6, 249). Diferentemente de Dião Cássio e da História Augusta, Herodiano se preocupa em caracterizar o culto, fornecendo informações relevantes sobre a maneira como o deus-sol sírio era representado.

[...] Este povo construiu para ele um templo magnífico, sem poupar ouro ou prata e prodigamente esbanjando pedras. Não apenas os habitantes locais o adoram, mas todos os sátrapas e reis bárbaros vizinhos enviam oferendas custosas ao deus todos os anos, ansiosos por se distinguirem. Não se vê nenhuma estátua representando o deus feita por mãos humanas, como as dos gregos e romanos. Há, no entanto, uma pedra enorme, redonda na base e pontiaguda no topo, cônica e de cor preta. Eles afirmam orgulhosamente que ela caiu do céu e exibem pequenas saliências e incisões em sua superfície; afirmam que é a imagem do Sol, na qual a mão do homem não interveio, e é assim que a veem.¹⁴

Segundo o autor, a forma sob a qual Elagabal era representado seria a de uma pedra de formato cônico, de cor negra, com algumas incisões em sua superfície. Sua origem seria exterior à própria terra, tendo caído dos céus — uma conotação divina que dispensava qualquer interferência humana. Além disso, ao destacar que essa representação se diferenciava das estátuas divinizadas dos deuses gregos e romanos, Herodiano demarca uma distinção religiosa entre os romanos e os sírios. Tal diferenciação pode indicar um olhar de desconfiança, ou até mesmo de desdém, por parte dos romanos em relação à adoração de uma pedra, em contraste com a tradição greco-romana de representação antropomórfica por meio de estátuas.

Halsberghe (1972) chama a atenção para o fato de que, além dos soldados, outros agentes contribuíram para a difusão da religiosidade oriental em Roma. Entre eles, destaca-se o comércio com o Oriente, que promovia intensas trocas culturais, incluindo ideias religiosas (Halsberghe 1972, 38), bem como a emigração de sírios para o Império, que buscavam ocupar diversas funções, desde servos domésticos e soldados integrados às legiões, até cargos no Senado (Halsberghe 1972, 39–40). Segundo o autor, esses indivíduos permaneceram fiéis às suas crenças e as propagaram por meio de suas práticas religiosas e discursos cotidianos.

Entre essas contribuições, destaca-se a própria dinastia dos Severos, composta por imperadores que, entre outras características, se notabilizaram por sua diversidade étnica. A dinastia inclui Septímio Severo (193–211 d.C.), originário de Léptis Magna, na província romana da África; seus filhos Caracala e Geta (211–217 d.C.), o primeiro nascido na Gália Lugdunense, atual França,

¹⁴ [...] Este pueblo le ha construido un grandioso templo, sin escatimar el oro y la plata y con derroche de piedras. No sólo le rinden culto los habitantes del lugar, sino que todos los sátrapas vecinos y los reyes bárbaros cada año envían costosas ofrendas al dios con afán de distinguirse. No se ve ninguna estatua que represente al dios hecha por la mano del hombre, como las de griegos y romanos. Hay, sin embargo, una enorme piedra, redonda por la base y terminada en punta por arriba, cónica y de color negro. Aseguran con orgullo que ha caído del cielo y muestran unos pequeños salientes e incisiones en su superficie; pretenden que es la imagen del Sol, en la que la mano del hombre no ha intervenido, y así es como la miran.

com origens africana, síria e gaulesa, e o segundo, embora nascido em território romano, também herdeiro dessas ascendências; o usurpador Macrino (217–218 d.C.), proveniente da Mauritânia Cesariense; e, por fim, os primos Heliogábalo (218–222 d.C.) e Alexandre Severo (222–235 d.C.), ambos de origem síria — o primeiro nascido em Emesa, e o segundo, em Cesareia do Líbano ou Arca Caesarea.

A dinastia dos Severos representa, de maneira concreta, a ascensão oriental em Roma. Esse processo tem início com aquele que é considerado, segundo os historiadores, o fundador da dinastia: Septímio Severo. De acordo com (Halsberghe 1972, 40–41), ainda durante o governo de Marco Aurélio (161–180 d.C.), no ano de 179 d.C., quando exercia o comando da legião no norte da Síria, Severo teve contato com filósofos orientais adoradores do *Sol Invictus Elagabal*. Posteriormente, essa ligação se intensificou com seu casamento com Júlia Domna, natural de Emesa e filha de Júlio Bassiano, sumo sacerdote de Elagabal, detentor do título de *sacerdos amplissimus dei Solis Invicti Elagabali*. Assim, o vínculo de Septímio Severo com o culto sírio adquiriu grande profundidade. Para além de Severo, (Halsberghe 1972, 41) chama atenção para Júlia Domna e sua irmã, Júlia Mesa, avó de Heliogábalo, como propagadoras do culto a Elagabal, unido ao já mencionado forte adentramento de orientais em Roma que consequentemente tiveram por facilitação a ação do imperador Severo e também futuramente de seu filho, Caracala, estes deram uma maior atenção à Síria concedendo diferentes privilégios.

Contudo, como figura central ligada à adoração ao *Sol Invictus Elagabal*, aquele que realmente se dedicou ao culto de maneira intensa e fervorosa, chegando a desafiar a própria ordem religiosa romana e a instaurar uma reforma nesse campo, foi o imperador Heliogábalo. Esse governante, que se tornou amplamente conhecido por sua devoção, teve inclusive seu nome popular — Heliogábalo — associado à forma latinizada do nome de seu deus. Ele não apenas se consolidou como uma das principais referências orientais de sua época, como também representou uma ponte significativa entre os mundos oriental e ocidental, conectando-os a partir de sua figura e posição, inclusive no âmbito religioso.

Segundo o historiador Martin Icks (2006, 173), próximo ao fim de seu reinado, entre 221 e 222 d.C., foram encontradas inscrições que, para além dos títulos comuns aos imperadores romanos, como o de *pontifex maximus*¹⁵, atribuíram a Heliogábalo uma outra honraria já mencionada: *sacerdos amplissimus dei Invicti Solis Elagabali*. Tal título evidencia a continuidade de seu

¹⁵ Título que estabelecia o imperador como sumo sacerdote da Roma Antiga, a mais alta dignidade religiosa do Império Romano.

sacerdócio, não apenas por meio de práticas, mas como parte da legitimação formal de sua posição enquanto sumo sacerdote, conforme a tradição religiosa emesiana.

Essa nomeação reforçava sua profunda ligação com Elagabal e contribuía para a incorporação do culto ao contexto romano. Ainda segundo Icks (2006, 173), as moedas emitidas durante seu governo o representavam realizando sacrifícios em um altar, vestido não à moda romana, mas com os trajes típicos de sumo sacerdote oriental — o que constitui uma clara declaração de que sua devoção religiosa se sobrepunha, simbolicamente, até mesmo ao próprio Império.

No próximo tópico, será analisada, a partir das fontes documentais, a representação dos aspectos religiosos de Heliogábalo.

O sumo sacerdote do sol

Heliogábalo tinha como nome real Vário Avito Bassiano¹⁶. Nascido na cidade de Emesa, na Síria, ascendeu ao trono aos catorze anos graças a um Golpe de Estado arquitetado por sua avó contra o então imperador Macrino, no ano de 218 d.C.

As três fontes que tratam da trajetória de Heliogábalo se detêm em sua ascensão vinculada à figura de sua avó, ainda que com algumas variações entre si. Segundo a História Augusta (IX 1-6, 166-167).

Existiu uma certa mulher, chamada Mesa ou Vária, da cidade de Émesa, irmã de Júlia, mulher de Severo Pertinaz, o Africano, a qual, depois da morte de Antonino Bassiano, tinha sido expulsa da corte em virtude da arrogância de Macrino; todavia, Macrino concedera-lhe que ficasse com todos bens que juntara ao longo de muito tempo. Ela tinha duas filhas, Semiamira e Mameia; Heliogábalo [que tomou o nome quer de Bassiano quer de Antonino] era filho da mais velha. Heliogábalo é, na verdade, como os fenícios chamam ao Sol. E Heliogábalo sobressaía pela sua beleza e estatura, e pelo seu sacerdócio, e era conhecido de todas as pessoas que vinham ao templo, principalmente soldados. A estes, Mesa ou Vária disse-lhes que Bassiano era filho de Antonino, facto que, a pouco e pouco, ecoou entre todos os soldados. Além disso, Mesa era, ela própria, extremamente rica — razão pela qual Heliogábalo era também muito dado ao luxo — e foi pelas promessas que ela fez aos soldados que as legiões foram arrebatadas a Macrino. Desta forma, certa noite, depois de ter sido acolhida com os seus dentro da cidade, o seu neto foi apelidado de Antonino e foram-lhe conferidas as insígnias do poder imperial (História Augusta, 2011)

Segundo o trecho acima, após a morte de Antonino Bassiano, nome real do imperador Caracala, Júlia Mesa foi expulsa da corte imperial por Macrino, o qual havia usurpado o poder ao orquestrar o assassinato do ex-governante. Contudo, em vez de executá-la, prática comum em casos

¹⁶ Após ser aclamado imperador pelos soldados, Bassiano teve o nome alterado para Marco Aurélio Antonino, uma referência ao nome adotado por Caracala e também a dois imperadores da chamada dinastia dos Antoninos, que, assim como a própria dinastia, ficaram conhecidos pelos seus bons governos e temperamentos. O nome Heliogábalo se popularizou pelo seu fervor religioso em relação a Elagabal, sendo uma adaptação da forma latina *Elaiagabal* e da forma grega romanizada, *Elagabalus* ou *Heliogabalus* (Millar 2001, 9).

de usurpação aplicada aos parentes dos governantes depostos, Macrino permitiu que ela retornasse à sua terra natal, conservando ainda seus bens.

A fonte apresenta de forma breve a figura de Heliogábalo como alguém que se destacava por sua beleza e era amplamente conhecido por sua atuação como sacerdote de Elagabal. Mesa, então, aproveitou-se dessa visibilidade: concentrou seus esforços nos soldados estacionados na região, espalhando o rumor de que Vário seria um filho ilegítimo de Caracala e prometendo a eles sua fortuna. Dessa forma, conquistou o apoio das legiões, que aclamaram seu neto como imperador.

Em resposta, Macrino teria reagido à aclamação com certo desdém, mas, ainda assim, enviou o prefeito do pretório¹⁷, Juliano, acompanhado de algumas legiões, com o intuito de sufocar a rebelião. No entanto, esses soldados aliaram-se aos revoltosos, assassinaram Juliano e iniciaram o conflito contra Macrino, o qual culminou na derrota e morte do imperador e de seu filho, Diadumeniano (*História Augusta*, X 1–3, 167). Segundo a fonte, a queda de Macrino foi provocada pela traição dos soldados e por suas simpatias em relação a Vário.

Em *História de Roma depois de Marco Aurélio*, Herodiano (V 3, 2-4, 248-249) apresenta a mesma narrativa com alguns detalhes adicionais, informando que Heliogábalo tinha catorze anos na época em que sua avó foi obrigada a retornar à sua terra natal, e que tanto ele quanto seu primo, o futuro Alexandre Severo, que o sucederia no trono, eram sacerdotes de Elagabal.

Posteriormente, em outro trecho, Herodiano (V 3, 8-12, 250-251) afirma, tal como na *História Augusta*, que sua formosura atraía a atenção de todos enquanto desempenhava suas funções sacerdotais, especialmente entre os soldados.

[...] Sua beleza juvenil também atraiu a atenção de todos. Naquela época, uma grande guarnição estava acampada perto de Emesa em defesa da Fenícia; mais tarde, foi transferida [...]. Os soldados frequentavam a cidade e, quando iam ao templo para o culto, ficavam satisfeitos ao ver o jovem. Alguns deles eram clientes e protegidos de Mesa, que, vendo que admiravam o rapaz, explicou-lhes — fosse verdade ou mentira — que ele era filho natural de Antonino, embora se fizesse passar por filho de outra pessoa. Contou-lhes que Antonino dormira com suas filhas quando eram jovens e no auge da vida, durante o tempo em que ela vivia com a irmã no palácio imperial. Os soldados contaram aos seus camaradas o que Mesa lhes havia revelado, e o rumor se espalhou tão amplamente que todo o exército soube. Dizia-se que Mesa possuía uma fortuna considerável e estava disposta a dá-la toda aos soldados se eles recuperassem o império para sua família. Os soldados concordaram que, se Mesa e seus homens aparecessem secretamente no acampamento à noite, abririam os portões, dariam as boas-vindas a toda a família e proclamariam o filho de Antonino imperador. A velha concordou porque preferia enfrentar qualquer perigo a viver como uma pessoa privada e ser considerada exilada. À noite, ela deixou a cidade secretamente com suas filhas e netos. Escortados pelos soldados protegidos de Mesa, eles chegaram aos portões do acampamento, onde foram recebidos sem o menor problema. Imediatamente, toda a guarnição aclamou o menino como Antonino e, vestindo-o de púrpura, o acolheram no acampamento. Eles então trouxeram todas as suas provisões, juntamente com

¹⁷ Título oficial do funcionário da ordem equestre que, no regime imperial romano, acumulava uma grande variedade de funções civis e militares.

seus filhos e esposas, que estavam nas aldeias e campos vizinhos; fecharam os portões e se prepararam para resistir a um cerco, se necessário¹⁸ (Herodiano, 1985)

No trecho acima, assim como na fonte anterior, destaca-se que Mesa foi a responsável por espalhar o rumor que atribuía a Caracala a suposta paternidade de Heliogábalo, além de prometer sua fortuna aos soldados. Nesse contexto, evidencia-se também a proteção oferecida pelas legiões estacionadas na região ao futuro imperador e à sua família, além de aclamarem-no imediatamente como novo imperador.

Mais adiante, Herodiano (V 4, 2, 251) afirma que, ao tomarem conhecimento do suposto filho de Caracala e da promessa de recompensa financeira, outras tropas romanas passaram a se interessar pela rebelião. Os motivos, segundo o escritor antigo, seriam “o ódio que sentiam por Macrino, a emoção que a lembrança de Antonino produzia neles e, acima de tudo, a atração pelo dinheiro”¹⁹. Percebe-se, portanto, que a posição de Macrino era extremamente desfavorável, situação que se agravou quando ele enviou o prefeito do pretório, Juliano, e parte de suas tropas para conter o motim. Os soldados, no entanto, aliaram-se aos rebeldes, assassinaram Juliano e enviaram sua cabeça ao imperador (V 4, 2–4, 252), declarando, assim, o início da batalha.

A Batalha de Antióquia²⁰ teria ocorrido como resposta de Macrino, que reuniu seu exército e partiu em direção a Heliogábalo. Contudo, as tropas que apoiavam o jovem usurpador demonstraram superioridade no conflito, o que amedrontou o imperador, levando-o a fugir disfarçado juntamente com seu filho.

¹⁸ [...] Su hermosura juvenil atraía además las miradas de todo el mundo. En aquel tiempo una importante guarnición estaba acampada junto a Emesa en defensa de Fenicia; posteriormente fue trasladada [...] Los soldados frecuentaban la ciudad y, al ir al templo para el culto, les complacía mirar al jovencito. Algunos de ellos eran clientes y protegidos de Mesa, quien, al ver que admiraban al muchacho les explicaba -fuera verdad o mentira que era hijo natural de Antonino, aunque pasara por ser hijo de otro. Les decía que Antonino se había acostado con sus hijas cuando eran jóvenes en la flor de la edad, en el tiempo en que ella vivió con su hermana en el palacio imperial. Los soldados fueron contando a sus compañeros lo que Mesa les había revelado, y el rumor se esparció de tal modo que se enteró todo el ejército. Se decía que Mesa poseía una cuantiosa fortuna y que estaba dispuesta a entregarlo todo a los soldados si recuperaban el imperio para su familia. Los soldados convinieron en que, si Mesa y los suyos se presentaban en el campamento secretamente de noche, les abrirían las puertas, acogerían a toda la familia dentro y proclamarían emperador al hijo de Antonino. La anciana estuvo de acuerdo porque prefería arrostrar cualquier peligro antes que tener que vivir como un particular y pasar por desterrada. De noche, pues, secretamente salió de la ciudad con sus hijas y nietos. Con la escolta de los soldados que eran los protegidos de Mesa, llegaron a las puertas del campamento donde fueron recibidos sin el menor problema. Inmediatamente toda la guarnición aclamó al muchacho con el nombre de Antonino y, revistiéndole el manto de púrpura, lo acogieron en el interior del campamento. Introdujeron luego todas sus provisiones y a sus hijos y esposas, que estaban en las aldeas y campos vecinos; cerraron las puertas y se prepararon para resistir un asedio si llegara el caso.

¹⁹ “el odio que sentían por Macrino, la emoción que les producía el recuerdo de Antonino y, por encima de todo, el atractivo del dinero”.

²⁰ Conflito entre as forças do exército romano lideradas pelo imperador Macrino contra as lideradas por seu adversário pelo trono, Heliogábalo, em 218, que culminou na derrota do primeiro e ascensão do segundo. Foi travada na cidade de Antióquia, na margem esquerda do rio Orontes, atualmente se localiza na cidade de Antáquia, na Turquia.

Os aliados do fugitivo, ao perceberem que o governante já não se encontrava no campo de batalha, aceitaram uma proposta de aliança de Heliogábalo, encerrando assim a batalha. Em seguida, alguns soldados perseguiram Macrino, encontrando-o e assassinando-o juntamente com Diadumeniano, seu filho (V 4, 8–12, 253–254).

Na fonte *História de Roma*, Dião Cássio também apresenta a figura de Júlia Mesa, mas traz detalhes que não se encontram nas outras duas fontes. Segundo o escritor antigo, o pai de Heliogábalo teria sido um homem chamado Vário Marcelo, também sírio, que ocupou cargos no Império Romano, inclusive tendo integrado o Senado. Com isso, Dião Cássio exclui a possibilidade de que Heliogábalo fosse filho de Caracala. Além disso, menciona um novo personagem, Eutiquiano, que teria sido o verdadeiro responsável por sua ascensão ao trono.

[...] um certo Eutiquiano, que havia dado prazer às pessoas com diversões e exercícios de ginástica, e por essa razão [...] e tomando conhecimento da forte antipatia dos soldados por Macrino [...] e parcialmente persuadido pelo deus-Sol, a quem eles chamam de Heliogábalo e adoram devotamente, e também por algumas outras declarações oraculares, ele empreendeu derrubar Macrino e estabelecer como imperador em seu lugar Avito, neto de Maesa, que ainda era um mero menino. E ele realizou ambos os propósitos, embora ele próprio ainda não tivesse atingido a idade adulta, e embora tivesse como ajudantes apenas alguns libertos e soldados e seis (r) [homens da ordem equestre] e senadores de Emesa, fingindo que ele era um filho natural de Tarautas e vestindo-o com roupas que este último usava quando criança e o trouxe para o acampamento à noite, sem o conhecimento de sua mãe ou avó, e ao amanhecer do dia 16 de maio persuadiu os soldados, que estavam ansiosos para obter uma desculpa para uma revolta, a se revoltarem.²¹ (LXXIX 31, 1-4, 409; 411).

Curiosamente, o escritor antigo difere consideravelmente das narrativas apresentadas nas outras duas fontes. Apesar de apresentar a figura de Júlia Mesa, ele atribui a Eutiquiano a iniciativa de derrubar Macrino, tanto devido à influência de declarações de oráculos quanto, supostamente, por revelações do próprio deus Elagabal. Teria sido Eutiquiano também o responsável por associar Heliogábalo a um parentesco com Caracala — aqui chamado de Tarautas²² — e por organizar a revolta juntamente com os soldados, aproveitando-se da antipatia destes em relação ao imperador. Além disso, o autor acrescenta outros agentes envolvidos na ascensão de Heliogábalo, como libertos, equestres e senadores, para além das legiões.

²¹ [...] a certain Eutychianus, who had given people pleasure in amusements and gymnastic exercises, and for that reason [...] and becoming aware of the strong dislike of the soldiers for Macrinus [...] and partly persuaded by the Sun-god, whom they call Elagabalus and worship devotedly, and also by some other oracular utterances, he undertook to overthrow Macrinus and to set up as emperor in his stead Avitus, Maesa's grandson, who was still a mere boy. And he accomplished both purposes, though he himself had not as yet fully reached manhood, and though he had as helpers only a few freedmen and soldiers and six(r) [men of the equestrian] order and senators of Emesa pretending that he was a natural son of Tarautas and dressing him in clothing which the latter had worn as a child and brought him into the camp at night, without the knowledge of either his mother or his grandmother, and at dawn on the sixteenth of May persuaded the soldiers, who were eager to get an excuse for an uprising, to revolt.

²² Apelido do imperador Caracala, em homenagem a um famoso gladiador. O gladiador era conhecido por ser violento e feio.

Dião Cássio também relata a chegada do prefeito Juliano e de soldados ao acampamento (LXXIX 31, 4, 411; 413). Contudo, os apoiadores já haviam vestido Heliogábalo com roupas que lembravam as de Caracala, além de exibirem imagens do antigo imperador em uma tentativa de comparação, afirmando que se tratava de seu filho e herdeiro legítimo ao trono. Com isso, os soldados foram corrompidos e assassinaram seus comandantes, enquanto Juliano teria fugido (LXXIX 32, 2–4, 413), sendo posteriormente encontrado e decapitado.

Macrino teria reagido nomeando seu filho como co-imperador, prometendo dinheiro aos soldados e distribuindo parte dos valores a eles, além de restaurar benefícios que anteriormente havia retirado. Também dissimulou que essas ações, assim como um jantar oferecido à população, seriam parte de uma celebração pela ascensão de seu filho, e não uma resposta à revolta (LXXIX 34, 2–5, 417). Como complemento a essas medidas, Macrino ainda teria recorrido ao Senado e aos governadores das diversas províncias por meio de cartas ofensivas a Heliogábalo (LXXIX 36, 1, 421).

Segundo Dião Cássio, a guerra teria sido declarada tanto contra Heliogábalo quanto contra seu primo, suas mães e avó, enquanto os soldados que se arrependessem seriam absolvidos (LXXIX 38, 2, 425). Diferentemente das outras fontes, o escritor antigo revela um protagonismo da família rebelde na Batalha de Antióquia: Júlia Mesa e sua filha Soemia teriam saltado de suas carruagens e incentivado seus aliados a continuarem a luta, enquanto o próprio Heliogábalo correu a cavalo com uma espada na mão e investiu contra os inimigos. Vendo essa resistência, Macrino teria fugido, mas, após perseguição, foi capturado e, posteriormente, seu filho também. Ambos teriam sido mortos por centuriões²³, encerrando oficialmente seu reinado, enquanto ocorria a aclamação de Marco Aurélio Antonino.

Desde o início de seu reinado, Heliogábalo esteve profundamente ligado ao seu aspecto religioso. Segundo Herodiano, após sua vitória na Batalha de Antióquia, Heliogábalo, sua avó, sua mãe, sua tia e seu sobrinho se puseram a caminho de Roma, contudo pararam, por ocasião do inverno, na cidade de Nicomédia até o fim da estação. Ali, mesmo já fora de sua cidade natal e, em teoria, afastado de suas obrigações sacerdotais, se empenhou em “executar as danças rituais desenfreadas do deus de Emesa, a cujo culto ele havia sido consagrado”²⁴ (V 5, 3, 255). Além disso, suas aparições em público eram acompanhadas ao som de flautas e tambores em honra a seu deus (V 5, 4, 255). Esses são exemplos iniciais de que a adoração a Elagabal perdurou no agora imperador mesmo após sua saída de Emesa e se manteve durante seu reinado.

²³ Oficial do exército romano que comandava uma centúria, um grupo de até 100 soldados.

²⁴ “ejecutar las desenfrenadas danzas rituales del dios de Emesa, a cuyo culto había sido consagrado”.

Ao chegar a Roma, teve por um dos primeiros atos a construção de um templo dedicado a Elagabal, que, segundo Herodiano, era grandioso e muito belo (V 5, 8, 256). O nome dessa construção era *Elagabalium* ou Elagabálio, e segundo Halsberghe (1972, 75), foi erguido no Palatino²⁵. Possuía dimensões médias, mas uma ornamentação grandiosa, com tapetes orientais e pedras preciosas de diferentes tipos e cores.

Um segundo templo também foi construído “na cidade baixa, chamada ad Spem Veterem, o bairro perto da Porta Praenestina, provavelmente nos jardins imperiais”²⁶ (Halsberghe 1972, 75). Ali ocorriam as grandes festividades a Elagabal, celebradas no verão.

Herodiano afirma que todos os dias, no Elagabálio, o imperador sacrificava uma “hecatombe de gado e inúmeras ovelhas que ele colocou nos altares com montes de várias plantas aromáticas, colocando também diante dos altares muitas ânforas dos melhores e mais envelhecidos vinhos...”²⁷ (V 5, 8, 256). Também nesse local, em torno dos altares, dançava ao som de diferentes tipos de instrumentos, acompanhado de mulheres fenícias, que também rodeavam os altares em posse de címbalos e tambores. Além dessas práticas,

[...] Todo o senado e a ordem equestre estavam reunidos em torno dele como se estivessem sentados em um teatro. As entranhas das vítimas sacrificais e as especiarias não eram carregadas em vasos de ouro sobre suas cabeças por servos ou homens comuns, mas pelos prefeitos do pretório e altos funcionários, vestindo túnicas de mangas compridas, de estilo fenício, com uma faixa roxa no centro. Usavam sapatos de linho como os usados pelos sacerdotes dos oráculos fenícios.²⁸ (V 5, 9-10, 257)

Do trecho acima, pode-se apreender algumas questões. Inicialmente, percebe-se, tanto aqui quanto em trechos anteriores citados, o aspecto identitário presente no culto a Elagabal. As vestes à moda oriental estavam presentes entre aqueles que participavam das práticas e também no próprio imperador, pois o mesmo Herodiano afirma sua preferência em usar roupas que remetiam aos sacerdotes fenícios e à luxuosa indumentária dos medos (V 5, 4, 255). Além do aspecto performático visível em suas apresentações de dança, associam-se aqui esses elementos diretamente à sua própria identidade cultural.

O conceito de identidades perpassa um processo de construção de significados baseado em um atributo cultural ou mesmo em um conjunto de atributos, os quais prevalecem sobre outros

²⁵ É a mais central das sete colinas de Roma e uma das mais antigas partes da cidade, a partir do governo de Augusto passou a ser o local de construção dos palácios imperiais.

²⁶ “in the lower city, called ad Spem Veterem, the district near the Porta Praenestina, probably in the imperial gardens”.

²⁷ “hecatombe de reses e innumerables ovejas que colocaba sobre los altares con montones de diversas plantas aromáticas, aciando además delante de los altares muchas ánforas de los vinos más finos y añejo...”

²⁸ [...] Todo el senado y el orden ecuestre estaban a su alrededor como si estuvieran sentados en el teatro. Las entrañas de las víctimas del sacrificio y los aromas no los llevaban en vasijas de oro sobre su cabeza sirvientes cualesquiera ni hombres corrientes, sino lo los prefectos del pretorio y altos cargos, vistiendo túnicas tálares de largas mangas al estilo fenicio con una banda purpúrea en el centro. Llevaban calzado hecho de lino como el usado por los sacerdotes de los oráculos fenicios.

significados (Castells 2018, 54). Com essa conceituação, pode-se entender que a identidade engloba os significados que determinado sujeito apropria e passa a utilizar para sua própria significação, identificando-se enquanto “eu” em um mundo permeado por outros “eus” que podem se relacionar com seu “eu” ou, a partir de uma relação de alteridade²⁹, encaixá-lo como o “outro”. Daí nascem diversos conflitos em torno de uma busca pela hegemonia da identidade em uma sociedade global marcada desde sempre pela heterogeneidade.

Contribuindo para a discussão em torno da identidade, Stuart Hall (2014, 109-110) afirma a presença do discurso em seu processo de construção. De forma alguma estão isoladas em si mesmas, antes são influenciadas pelos locais históricos e institucionais “no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas”. Logo, conhecer e entender a identidade perpassa pelo próprio reconhecimento do contexto que a engloba.

Ao entender as práticas religiosas de Heliogábalo enquanto ligadas à sua identidade cultural, compreende-se que esse aspecto foi tão forte no imperador que moldou a própria forma como este se significava no mundo, como ele se portava e, assim, constituía sua própria essência. Esse pensamento é exemplificado na sua dedicação ao sacerdócio e na própria forma como ele a performava por meio de suas vestes e de suas danças. Esses elementos demarcavam tanto uma declaração de que, ao invés de passar por um processo romanizador³⁰, ele mantinha sua identidade síria, sua identidade oriental, quanto, novamente, reafirmava sua conexão com Elagabal enquanto parte constituinte de sua própria trajetória de vida.

Para além disso, percebe-se que o imperador tornava extremamente público o culto a Elagabal. Herodiano chega a comparar a exibição com uma performance de teatro e afirma que era assistido pelo senado e pela ordem equestre. Além disso, aqueles responsáveis por determinados atos dentro do culto pertenciam a altas classes da sociedade romana. Com isso, pode-se entender que era de interesse de Heliogábalo conectar o seu mundo religioso com o próprio contexto de Roma, ligando o cotidiano e pessoas de destaque a Elagabal, presume-se, enquanto uma tentativa de naturalização deste para o cenário religioso do Império em si.

Quando levamos em conta a representação do culto de Elagabal como uma performance teatral, por mais que faça uma suposta referência à sua própria natureza na prática, também é possível interpretar que, partindo do seu lado performático, a adoração ao deus-sol sírio é inserida como uma prática a ser admirada e incorporada como um elemento comum aos romanos. Assim,

²⁹ Situação, estado ou qualidade que se constitui através de relações de contraste, distinção, diferença.

³⁰ Referente a romanização que seria um processo de contato entre os romanos e outros povos a partir da assimilação e aculturação destes em relação a cultura romana.

para além de se tornar mais conhecida e difundida, também se destacava em relação aos outros deuses, como o próprio Herodiano (V 5, 7, 255) afirma anteriormente ao colocar que o imperador ordenou a preferência de sacrifícios a Elagabal em contrapartida a outros deuses invocados pela mesma prática.

Essas atitudes no cenário religioso por parte de Heliogábalo se ligam muito a uma tentativa de maior aproximação entre sua identidade cultural e o contexto romano. Uma ferramenta que contribui para um maior entendimento desse aspecto é a história conectada.

Sebastian Conrad, em seu livro *O que é história global?* (2019), discute sobre o conceito e metodologia da história global, definindo-a enquanto “uma forma de análise histórica que situa os fenômenos, os eventos e os processos em contextos globais” (Conrad 2019, 16). Embora, como o próprio autor discuta, não necessariamente seja um estudo sobre tudo que aconteceu no mundo, antes se preocupa em realizar pesquisas que ultrapassem barreiras históricas e tradicionais de um mundo puramente ocidental e europeu. Ou seja, tem muito mais a ver com uma perspectiva que põe em prática uma mudança de abordagem, preocupada com as intersecções existentes na história.

Indiscutivelmente, a ascensão das perspectivas globais ajuda-nos a deixar de ver apenas uma mera parte da realidade. Uma vez que a relevância das fronteiras nacionais foi colocada em questão, a história tornou-se mais complexa. [...] a história global permite-nos alargar o ângulo de visão e observar processos que, durante muito tempo, eram indetectáveis pelos sistemas de conhecimento da academia, ou que eram, pelo menos, considerados irrelevantes. (Conrad 2019, 27).

Dentro da história global, Conrad a divide em três possíveis campos: a de uma história de tudo, uma história baseada no conceito de integração e uma história das conexões. Esta última, que aqui muito nos interessa, leva em consideração que “nenhuma sociedade, nação ou civilização existe isoladamente” (Conrad 2019, 20), antes, são permeadas pela mobilidade e interação. Logo, existem conexões e trocas possíveis de serem analisadas nas mais diferentes sociedades, e a forma e dimensão do seu estudo serão ditadas pela própria temática estudada em si. A partir dela, observa-se os entrelaçamentos existentes e discute-se como se estruturam.

Ao trazer para a discussão deste artigo a história conectada enquanto uma metodologia para a análise do aspecto religioso de Heliogábalo, é possível compreender que a instauração do culto a Elagabal em Roma e seu desenvolvimento sobre o reinado do imperador revelam tentativas de conexão entre um mundo oriental e um mundo ocidental. Era um deus sírio sendo aclamado e naturalizado no cotidiano romano. O contexto era de exibição pública da adoração e participação de pessoas de altas classes, que garantiriam uma maior legitimação ao próprio deus-sol sírio.

Essa conexão é passível de ser percebida também na própria *História Augusta*. Segundo esta fonte, para além de erguer um templo para cultuar Elagabal, Heliogábalo também se preocupou em

transferir para esse local símbolos religiosos romanos e demonstrou interesse em também obter símbolos da religião dos judeus, samaritanos e dos cristãos.

Mas, assim que ele entrou em Roma, negligenciando todos os assuntos das províncias, consagrou Heliogábalo no monte Palatino e ergueu-lhe um templo, próximo das mansões imperiais, com o objetivo de para aí transferir a imagem da Grande Mãe³¹, o fogo de Vesta³², o Paládio³³, os escudos³⁴ e tudo o que é venerado pelos romanos, de modo a que nenhum outro deus, além de Heliogábalo, fosse cultuado em Roma. Dizia, além disso, que as religiões dos judeus e dos samaritanos, assim como a devoção cristã, deveriam ser também para ali transferidas, de modo a que os sacerdotes de Heliogábalo fossem os guardiões dos mistérios de todos os cultos. (III 4-5, 191).

No trecho acima, é apontada tanto uma ganância em querer que os sacerdotes do deus-sol sírio guardassem os “mistérios de todos os cultos”, quanto um fanatismo, pois sua atitude é representada como um desejo de controle religioso que colocaria Elagabal não apenas em uma posição de destaque, mas de exclusividade divina. Contudo, parece ser um exagero que esse realmente tenha sido o desejo do imperador, já que a religião romana era um elemento muito importante e diverso, com extensas possibilidades de adoração. Logo, banir outros cultos seria uma atitude extremamente impopular.

Deve-se ter em mente a posição aristocrática das fontes sobre Heliogábalo. Injuriar a imagem de um imperador que supostamente teria dado mais atenção ao seu deus oriental do que à administração do Império me parece uma realidade muito provável, pois assim sua representação frente ao público que tinha contato com aqueles escritos entenderia um imperador enquanto fanático que ignorou o sistema social romano.

Considerando essa representação de incluir os símbolos religiosos de outros cultos no tempo de Elagabal, para além de uma tentativa de simplesmente subjugar as demais religiões, é possível refletir nela enquanto uma tentativa de aproximação com o próprio contexto religioso romano, criando uma espécie de templo único que guardava, de certa forma, não apenas as crenças, mas também a cultura inserida nesse aspecto.

Ao se conectar o deus-sol sírio com outras divindades e símbolos religiosos, esse se legitimava enquanto a porta de entrada para as demais religiões. Era a afirmação de seu domínio e centralidade sobre diferentes panteões politeístas e monoteístas, entrelaçando diferentes culturas e, consequentemente, histórias.

Nossa outra fonte, Dião Cássio, apresenta, tal qual a *História Augusta*, uma perspectiva negativa em relação ao culto a Elagabal. Existe uma clara associação do imperador e seu deus a um

³¹ Cibele, a deusa de origem frígia (região da Ásia Menor, que hoje faz parte da Turquia).

³² Fogo de caráter sagrado que se localizava no centro do Templo de Vesta, em homenagem a deusa romana que personifica o fogo sagrado, o lar e a lareira.

³³ Estátua de Atena / Minerva

³⁴ *Ancilia* ou doze escudos sagrados de Marte, que eram considerados penhores do império.

mundo oriental inferior e bárbaro, em contraponto ao próprio contexto romano, logo suas práticas religiosas são vistas a partir de demonstrações de sua incivilidade e não como práticas ligadas à forma como seu culto se realizava.

Intimamente relacionada a essas irregularidades estava sua conduta no caso de Heliogábalo. A ofensa consiste em não introduzir um deus estrangeiro em Roma ou em exaltá-lo de maneiras muito estranhas, mas em colocá-lo diante do próprio Júpiter e fazer com que fosse eleito seu sacerdote, e também em circuncidar-se e abster-se de carne de porco, sob a alegação de que sua devoção seria assim mais pura. [...] a circuncisão que ele fez parte dos critérios sacerdotais de Heliogábalo, e ele, consequentemente, mutilou muitos de seus companheiros da mesma maneira. Além disso, ele era frequentemente visto, mesmo em público, trajado com as vestes bárbaras que os sacerdotes sírios usavam, e isso teve tanto a ver como o fato de ter recebido o apelido de "O Assírio".³⁵ (LXXX 11; 1-2, 457).

No trecho acima, o escritor antigo dá a entender que o problema não era a introdução de um deus estrangeiro em Roma, algo comum na época, mas sim as estranhas formas como ocorria sua adoração. Transparece em seu discurso uma visão que está muito mais baseada em uma perspectiva etnocentrista.

Etnocentrismo é um preconceito que cada sociedade ou cada cultura produz, ao mesmo tempo que procura incutir em seus membros normas e valores peculiares. Se sua maneira de ser e de proceder é a certa, então as outras estão erradas, e as sociedades que as adotam constituem "aberrações". Assim o etnocentrismo julga os outros povos e culturas pelos padrões da própria sociedade, que servem para aferir até que ponto são corretos e humanos os costumes alheios. Desse modo, a identificação de um indivíduo com sua sociedade induz à rejeição das outras. O idioma estrangeiro parece "enrolado" e ridículo; seus alimentos, asquerosos; sua maneira de trajar, extravagante ou indecente; seus deuses, demônios; seus cultos, abominações; sua moral, uma perversão etc. É verdade que os povos mais primitivos têm uma forte rejeição etnocentrista dos povos circunvizinhos. Porém nada se compara com o etnocentrismo combinado com o sentimento de superioridade que o grupo ou a nação dominante dedica aos dominados e oprimidos. Considerá-los sub-humanos, ou seres humanos de segunda classe, é pretexto e efeito de uma relação de dominação. (Meneses 2020, 19).

De acordo com essa definição, destaca-se o julgamento e preconceito em relação a outros povos. Levando em consideração a própria sociedade, o quão diferente determinado povo é em relação à língua, à forma de vestir, ao comportamento e à organização social? São questões colocadas como determinantes e que, quando pensadas no contexto da Roma antiga, esbarram no binômio civilidade/barbaridade.

O ser civilizado, culto e bondoso representava o conceito romano de *humanitas*, enquanto aquele que não representava essas ideias era considerado bárbaro, bruto e selvagem representando o conceito romano de *ferocitas*, logo era inferior, o que vai ao encontro do que Meneses (2020) coloca

³⁵ Closely related to these irregularities was his conduct in the matter of Elagabalus. The offence consisted, not in his introducing a foreign god into Rome or in his exalting him in very strange ways, but in his placing him even before Jupiter himself and causing himself to be voted his priest, also in his circumcising himself and abstaining from swine's flesh, on the ground that his devotion would thereby be purer. [...] the circumcision which he actually carried out was a part of the priestly requirements of Elagabalus, and he accordingly mutilated many of his companions in like manner. Furthermore, he was frequently seen even in public clad in the barbaric dress which the Syrian priests use, and this had as much to do as anything with his receiving the nickname of "The Assyrian".

sobre o etnocentrismo ligado a um sentimento de superioridade, pois este legitima a ação de dominação e opressão. Contudo, Heliogábalo coloca sua identidade cultural oriental em evidência a partir do aspecto religioso próximo dos bárbaros, propondo, de certa forma, uma naturalização no Império Romano, o que afrontava as noções de *humanitas*.

Continuando no trecho de Dião Cássio, este aponta alguns aparentes defeitos presentes nas práticas religiosas do imperador, como a abstenção de carne de porco, a circuncisão — que ele chega a comparar com uma mutilação — e o uso de vestes à moda dos sacerdotes sírios, que ele associa a uma roupa bárbara, bem como chega a acusá-lo de desejar o deus Júpiter enquanto sacerdote de Elagabal, consequentemente tornando-o inferior.

O enquadramento das práticas religiosas como exóticas e bárbaras parece partir, sobretudo, de uma visão etnocentrista que usava o contexto romano como maior parâmetro para julgar as demais crenças. Logo, esses atos seriam vistos como exemplos da inferioridade daqueles que os seguiam, em contrapartida a um centro dominador constituído pelo Império que não os praticava e, portanto, era superior.

A acusação de querer colocar Elagabal acima até mesmo do deus que governava todos os demais parece relacionar-se com o que já foi aqui discutido: trata-se, novamente, de uma tentativa de conexão entre o Oriente e o Ocidente por meio da religião, naturalizando a figura do deus-sol sírio até mesmo frente ao deus máximo. Por mais que Heliogábalo possa ter considerado ou, de fato, colocado sua divindade acima de Júpiter, ainda é possível questionar se tal medida se incluía em sua tentativa de reforma religiosa, em vez de significar uma substituição total em si.

É importante ressaltar que a discussão realizada acima esteve preocupada em analisar o conteúdo presente nas fontes sobre Heliogábalo em relação ao seu aspecto religioso, não partindo necessariamente de um juízo de verdade ou mentira, mas buscando discutir as narrativas que os escritores antigos escolheram destacar nessa relação entre o imperador e Elagabal. Assim, privilegiou-se uma análise que levasse em consideração as escolhas narrativas feitas pelas três fontes.

Contudo, há o reconhecimento de que os documentos não carregam uma verdade absoluta, assim como a própria História, enquanto ciência, não consegue acessar uma verdade definitiva sobre o passado. Os documentos estão carregados de posicionamentos, recortes e escolhas que influenciam diretamente na forma como o tema é abordado.

[...] Todo documento é produzido em determinada época e sociedade, podendo, assim, compreender como as pessoas viviam em uma determinada época ou período. Eles comprovam que algo de fato existiu. O documento, por si só, não diz absolutamente nada; o historiador deve problematizá-lo, lançar questões sobre o documento, para que possa ir em busca de respostas. (Guimarães 2019, 2).

Entendendo que é responsabilidade do historiador a ação de problematizar o documento e, então, buscar respostas para as questões postas no presente, é possível compreender que, para além da análise das narrativas presentes nas fontes, mostra-se necessário problematizá-las, levando em consideração o contexto que as envolve e quem as produz.

Ao trabalhar com o conceito de representação de Chartier (2002), este artigo compreende que o acesso à figura de Heliogábalo parte de três documentos que não necessariamente revelam quem ele foi, mas constroem narrativas que buscam, sobretudo, associá-lo a determinadas ideias ou opiniões dos próprios escritores antigos. Não há neutralidade ou compromisso irrestrito com a verdade; trata-se de autores inseridos em um contexto aristocrático que escolheram criticar Heliogábalo, sobretudo em relação à suposta exibição pública e exacerbada de sua identidade cultural, o que pode estar diretamente relacionado com a quebra dos valores romanos por ele promovida.

[...] Torna-se claro, antes de mais, que nenhum texto – mesmo aparentemente mais documental, mesmo o mais objectivo (por exemplo, um quadro estatístico traçado por uma administração) – mantém uma relação transparente como a realidade que apreende. [...] A relação do texto com o real (que pode talvez definir-se como aquilo que o próprio texto apresenta como real, construindo-o como um referente situado no seu exterior) constrói-se segundo modelos discursivos e delimitações intelectuais próprios de cada situação de escrita. [...] os materiais-documentos obedecem também a processos de construção onde se investem conceitos e obsessões dos seus produtores e onde se estabelecem as regras de escrita próprias do gênero de que emana o texto. São essas categorias de pensamento e esses princípios de escrita que é necessário actualizar antes de qualquer leitura positiva do documento. O real assume assim um novo sentido: aquilo que é real, efectivamente, não é (ou não é apenas) a realidade visada pelo texto, mas a própria maneira como ele a cria, na historicidade da sua produção e na intencionalidade da sua escrita (Chartier 2002, 62-63).

Assim como afirmado por Chartier no trecho acima, é necessário que se veja o texto em uma relação subjetiva com o real, por mais que se proponha a ser objetivo ou tenha características que lhe garantam mais confiabilidade, ainda sim, ele apresenta um real para si mesmo, ou melhor, cria um real, que não necessariamente é a realidade, mas sim é munido da intencionalidade do seu autor que a transmite para aquele que lê tal texto.

Em relação ao “texto” para os romanos, ou mais especificamente, os textos históricos romanos, Balmaceda (2013) apresenta uma discussão em torno da historiografia da Antiguidade Clássica, a dividindo em um período de 800 anos, iniciando-se com *Histórias* de Heródoto (por volta do século V a.C.) até *Res Gestae* (“As coisas realizadas”) de Amiano Marcelino (em finais do século VI d.C.).

Segundo (Balmaceda 2013, 41), a sociedade romana compreendia seu passado como influente na formação dos costumes do presente, por meio de seus modelos e antepassados. Assim,

os mores maiorum³⁶ exerciam um papel central, e a história cumpria uma função fundamental ao desenvolver esse passado como um defensor dos valores a serem seguidos.

Para Balmaceda (2013, 41) o cerne do trabalho dos historiadores romanos era “influenciar seu próprio presente, especialmente por causa das coisas que podem aprender com a história, talvez a mais central para eles seja o ensinamento moral”³⁷.

Os registros desse historiador romano possuíam o objetivo de incentivar mudanças baseadas em um fundo moral, assim a explicação dos acontecimentos vinculava-se aos costumes e modos de ser da sociedade. Além dessa relação com a moralidade, a escrita histórica em Roma também se constituiu enquanto um mecanismo de política interna, existia uma preocupação com a memória que deveria ser preservada, pois serviria como um elemento da identidade coletiva romana.

A descrição da vida pública e da *res publica*; as relações entre a elite governante e a plebe; o exército, o crescimento do império e o aumento da importância de atores individuais; Os novos e poderosos líderes e suas decisões políticas — em suma, tudo serviu para descobrir quem eles eram e como continuar se comportando como bons romanos, mesmo quando as circunstâncias mudassem...³⁸ (Balmaceda 2013, 15)

Ao relacionar esses elementos com as fontes que abordam sobre Heliogábalo, estes podem ser entendidos enquanto munidos por um objetivo moralizante e um possível uso político para elogios ou críticas a determinados personagens, o que acabava por influenciar os leitores de tais documentos.

Na introdução desse artigo apresentamos as três fontes que abordam sobre Heliogábalo, relacionando-os com o contexto que os envolviam, os seus escritores antigos, a organização do seu conteúdo e também os seus possíveis públicos alvos, assim pode-se analisar as representações em torno do imperador de uma forma que leve em consideração os aspectos que envolvem não somente o conteúdo sobre ele, mas também a origem das produções que o representam.

Dião Cássio é um escritor antigo grego, contudo sua escrita está inserida no contexto romano, não apenas em relação ao domínio do Império sobre a Bítinia, mas pelos próprios elementos da história romana que destacamos acima. Dião se preocupa em defender o *mos*

³⁶ Plural de *mos maiorum*. Termo romano que seria o “conjunto de regras de conduta, morais e políticas, não sistematizado, transmitido no seio da aristocracia senatorial tradicional” (Lemos 2010, 47). Era um conceito central para os romanos, dirigindo a forma como esses agiam em seu cotidiano.

³⁷ “influir en su propio presente, especialmente porque de entre las cosas que puede aprender de la historia, quizá la central para ellos era la enseñanza moral”.

³⁸ La descripción de la vida pública y de la *res publica*; las relaciones entre la elite gobernante y la plebe; los militares, el crecimiento del imperio y el aumento de la importancia de los actores individuales; los poderosos nuevos líderes y sus decisiones políticas, en fin, todo servía para descubrir quiénes eran y cómo continuar comportándose como buenos romanos, incluso cuando cambian las circunstancias...

*maiorum*³⁹ e assim adentra em uma história moralizante, que também pode ser encontrada em Herodiano, escritor antigo sem informações concretas sobre sua origem, mas que também demonstra preocupação com os valores romanos.

A *História Augusta*, mesmo com sua produção posterior, mantém também esse elemento moralizante, se preocupando em trazer detalhes íntimos sobre os imperadores, que revelam sujeitos falhos em seguir o *mos maiorum* e respeitar outras esferas de poder, como o Senado.

Ao entender que Dião Cássio, Herodiano e a *História Augusta* trazem representações em relação à Heliogábalo, é possível compreender que são fontes munidas de uma intencionalidade na forma como o imperador está sendo narrado, além disso, a presença desse tom moralizante em relação a forma como se escrevia a narrativa história e seu uso enquanto manobra da política interna mostram que ao apresentar o aspecto religioso no imperador, a partir de uma ótica de exotismo e fanatismo, existia um desejo de mostrar seu desrespeito em relação a ordem romana.

As descrições que em um primeiro momento buscam unicamente caracterizar a forma como Heliogábalo cultuava Elagabal, na verdade revelam também a forma como essa aristocracia tradicional, pelas lentes das fontes aqui trabalhadas, viam essa religião oriental enquanto possuínte de elementos estranhos ao sistema romano. Mesmo que o culto a Elagabal já fosse conhecido em Roma antes da ascensão do jovem imperador, a expansão que é realizada por ele parece ter ultrapassado os limites do aceitável para os romanos.

As fontes escritas acima discutidas apresentam uma narrativa que conecta fortemente Heliogábalo ao deus-sol sírio, com afirmações que pressupõe basicamente uma tentativa de reforma religiosa por parte do imperador em Roma e um fervor religioso que beira ao fanatismo. Embora seja de suma importância mantermos um olhar crítico em relação a esse elemento, a visão de um imperador consideravelmente ligado à sua religião oriental se destaca. Será que o imperador realmente manteve uma religiosidade tão forte assim?

Embora não seja o foco dessa análise e por esse mesmo motivo não será aprofundado, é interessante trazer para a discussão um outro tipo de fonte que também revela um aspecto religioso do imperador, as moedas romanas. Segundo Manders (2012, 147), as moedas imperiais testemunham as reformas religiosas impostas por Heliogábalo, exibindo em seus versos imagens tanto do deus-sol sírio em sua forma de pedra cônica negra quanto também o próprio imperador representado em seu dever sacerdotal. Em outro trecho (Manders 2012, 148), afirma que nas

³⁹ Termo romano que seria o “conjunto de regras de conduta, morais e políticas, não sistematizado, transmitido no seio da aristocracia senatorial tradicional” (Lemos 2010, 47). Era um conceito central para os romanos, dirigindo a forma como esses agiam em seu cotidiano.

moedas datadas do período de 220 a 222 d.C., Heliogábalo operava de forma pública como sacerdote-imperador, nesse período, a divindade era retratada enquanto sua protetora nas moedas romanas.

Mais adiante, Manders (2012, 148), relacionando a frequente representação do imperador em trajes orientais e o número de moedas que o representam sacrificando em honra a Elagabal, considera que “essas moedas expressassem a piedade de Heliogábalo ao sírio Elagabal e não às divindades romanas tradicionais”⁴⁰. Quando usa o termo “piedade”, a autora está o relacionando ao conceito romano de *pietas* que quando em conexão com a religião romana, faz referência ao cumprimento dos deveres religiosos (Souza e Moura 2019, 36), sendo assim, Manders afirma que o imperador ignorava suas responsabilidades religiosas para com o panteão romano e priorizava Elagabal.

A escolha de trazer a análise de Manders (2012) para a discussão desse artigo é motivada pelo desejo de apresentar que o aspecto religioso de Heliogábalo não se limitou somente a representação documental, mas também está presente na material, além disso, é interessante ressaltar, que anteriormente nesse artigo colocamos que Icks (2006, 173) destacou inscrições sobre o imperador com o título de *sacerdos amplissimus dei Invicti Solis Elagabali* o que conferia uma profundidade em sua relação com o deus-sol sírio frente a própria sociedade romana.

Ao conectar essas representações acima com os documentos, é possível perceber que a conexão de Heliogábalo com sua divindade síria não é exagero dos escritores antigo, antes era um elemento do seu governo que influenciou a forma como agiu. Talvez a melhor linha de raciocínio a ser seguida seja de que ao ser analisar o aspecto religioso do imperador, as fontes, e aqui incluo materiais e escritas, revelam que essa foi uma característica forte em seu governo, e a problematização a ser feita não deve ser sobre o nível de verdades ou mentiras, mas antes sobre o que é e como é representado.

Por mais que seja discutida a veracidade das narrativas escritas, é necessário levar em consideração que o acesso até o imperador possui um determinado limite, até mesmo porque o próprio não escreve sobre si. O que a historiografia faz em relação ao seu estudo é uma pesquisa de conexões de diferentes representações de sua figura, em um verdadeiro trabalho de abordagem manual para a produção de um conjunto final, referenciando-se aqui a analogia de Albuquerque Junior (2019) do trabalho do historiador em relação ao trabalho da bordadeira, em que afirma que “É ele, como faz a profissional do bordado, que submete este caos a uma ordem, a um desenho, a

⁴⁰ “these coins were expressing Elagabalus’ piety to the Syrian Elagabal and not to the traditional Roman deities”.

um plano, a um projeto, a um molde, a um modelo, que deve ser previamente pensado” (Albuquerque Junior 2019, 4).

É necessário ter em mente duas questões sobre o estudo do imperador Heliogábalo, tanto os limites de acesso a sua figura quanto as formas como ele é representado. Em uma perspectiva crítica, reconhecer que não se pode considerar tudo que é falado sobre ele enquanto verdade, não desacredita uma análise do conteúdo das fontes escritas, essas devem ser questionadas e utilizadas como forma de reconstruir as narrativas em torno do governante.

O imperador Heliogábalo é uma figura histórica que é fruto de narrativas negativas, que revelam não apenas a sua trajetória, mas a própria sociedade romana, com seus valores e com suas barreiras socioculturais. Estudar esse personagem se mostra enquanto um exercício riquíssimo para o desenvolvimento de um olhar histórico crítico e ao mesmo tempo um conhecimento sobre o Império Romano, sua contribuição para compreender a inserção de orientais em Roma, a perspectiva aristocrática tradicional das fontes, a visão etnocentrista que permeava os documentos escritos, entre outros pontos, se mostra enquanto consideravelmente importante para a história.

Considerações Finais

De acordo com o exposto até aqui nota-se que a inserção do culto a Elagabal em Roma é anterior a figura do próprio imperador Heliogábalo e que ao se analisar seu adentramento no Império são reveladas as trocas culturais e movimentações orientais que perpassaram pela região. Anteriormente a figura do próprio governante, existiram sujeitos que conquistaram seu espaço nos e contribuíram inclusive para que a adoração a Elagabal ficasse conhecida.

Foi através da figura de Heliogábalo que o deus-sol sírio teve seu apogeu em questões de adoração e ao analisar esse aspecto religioso do imperador percebe-se que esteve intimamente ligado à sua própria identidade cultural, mesmo com sua ascensão enquanto imperador e sua saída para Roma, seus costumes, práticas e aparentemente ideias permaneciam interligadas a sua terra natal, a sua origem síria e oriental, logo analisar o aspecto religioso do imperador é analisar na prática como ocorreu a manifestação de sua identidade.

Além disso, a partir de uma visão da história conectada, buscou-se observar as conexões existentes na demonstração de sua identidade cultural a partir da perspectiva religiosa no contexto romano, unindo dois mundos distintos, mas que possuíam historicamente interações baseadas em trocas culturais e nos próprios sujeitos históricos e que agora estava entrelaçado por meio do jovem governante.

Durante o reinado de Heliogábalo, é possível perceber uma verdadeira “orientalização” do mundo romano, afrontando a própria ordem imperial em prol de destacar e conectar o seu mundo oriental com o mundo ocidental do Império Romano.

Por fim, para além de uma análise do conteúdo das fontes escritas, foi feita uma problematização em relação a sua produção e seu contexto, levando em consideração seus escritores antigos e a própria escrita histórica romana, discutindo-se as intencionalidades existentes nos escritos sobre o imperador.

O aspecto religioso de Heliogábalo foi destacado também nas moedas romanas e relacionado, juntamente com a sua inscrição enquanto *sacerdos amplissimus dei Invicti Solis Elagabali*, enquanto representações de sua forte conexão com Elagabal. Foi proposta uma visão que ultrapassa o discurso do nível de veracidade das fontes, para uma aproximação das formas que a ligação do imperador com o deus-sol sírio foi feita, revelando assim o contexto que envolveu o jovem governante em seu período imperial e a conexão da religião síria com seu cotidiano.

Referências Bibliográficas

Balmaceda, Catalina. 2013. La antigüedad clásica: Grecia y Roma. Em Aurell, Jaume; Balmaceda, Catalina Balmaceda; Burke, Peter; Soza, Felipe. *Compreender el Passado: Una Historia de la Escritura y el Pensamiento Historico*. Ediciones Akal, S.A.

Dião Cássio. 1957. *Dio's Roman History*. Traduzido por Earnest Cary. London/Harvard: William Heinemann, Harvard University Press (The Loeb Classical Library), Books.

Castells, Manuel. 2018. *O poder da identidade: a era da informação*. 9ª ed. rev. e ampl. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Cerri, Mariane. *A biografia do imperador Cômodo na História Augusta como crítica ao Dominato (séc. IV d.C.)*. 2000. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca.

Chartier, Roger. 2002. *História cultural: entre práticas e representações*. São Paulo: Editora Memória e Sociedade.

Conrad, Sebastian. 2019. *What Is Global History?* Tradução de Teresa Furtado e Bernardo Cruz. Lisboa: Edições 70.

Corassim, Maria Luiza. "A composição da biografia de Severo Alexandre na História Augusta." *Revista de História – USP*, (1988): 153–178.

Corrêa, Ariel Garcia. *As perspectivas elaboradas por Dião Cássio e Herodiano sobre as práticas político-culturais do imperador Heliogábalos (séc. III d.C.)*. 2019. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca.

Esteves, Anderson Martins. 2019. "Díon Cássio: um historiador no reino de ferro." Em *Problemas de historiografia helenística*, editado por Breno Battistin Sebastiani, Fernando Rodrigues Jr. e Bárbara da Costa e Silva, 193–207. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Guimarães, Robison Zacharias. Documentos Históricos: Ferramenta do Historiador e da Práxis Pedagógica do Docente. *Revista Educação Pública* 19, 16 (2019): 1-3.

Hall, Stuart. 2014. "Quem precisa da identidade?" Em *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, editado por Tomaz Tadeu da Silva. 15ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

Halsberghe, Gaston H. 1972. *The Cult of Sol Invictus*. Leiden: Brill.

Herodiano. 1985. *Historia del Imperio Romano después de Marco Aurelio*. Tradução de Juan J. Torres Esbarranch. Madrid: Editorial Gredos.

História Augusta. 2011. *Vidas de Hélio Pertinaz, Dídio Juliano, Severo, Pescênio Nígro, Clódio Albino, Antonino Caracala, Antonino Geta, Opílio Macrino, Diadúmeno Antonino, Antonino Heliogábalos*. Tradução do latim, introdução, notas e índice de Cláudia A. Teixeira, José Luís Brandão e Nuno S. Rodrigues. Coimbra: Universidade de Coimbra, CECH.

Icks, Martin. 2006. "Priesthood and Imperial Power: The Religious Reforms of Heliogabalus, 220–222 AD." Em *The Impact of Imperial Rome on Religions, Ritual and Religious Life in the Roman Empire*, editado por Lukas de Blois, Peter Funke e Johannes Hahn, 169–178. Leiden: Brill.

Albuquerque Junior, Durval Muniz de. 2019. O Tecelão dos Tempos: novos ensaios de teoria da história. São Paulo: Intermeios.

Kemezis, Adam. The Fall of Elagabalus as Literary Narrative and Political Reality. *Historia* 65, (2014): 348–390.

Lemos, Marcia Santos. O “Mos Maiorum” e a Fortuna do Império Romano no Século IV d.C. *Dimensões* 25, (2010): 46-62.

Manders, Erika. 2012. Coining images of power: patterns in the representation of Roman emperors on imperial coinage, A.D, 193–284. Leyden – Boston.

Meneses, Paulo. "Etnocentrismo e relativismo cultural: algumas reflexões." *Revista Symposium* 3 (2020): 19–25.

Millar, Fergus. 2001. *The Roman Near East 31 BC AD 337*. Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts.

Silva, Filipe Noé da. *Gênero e poder no Império Romano: considerações sobre o imperador Adriano*. 2016. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

Silva, Janaice Bertoldo da. *Escrever a história em tempos de crise: Herodiano e o reinado do imperador Heliogábalo*. 2019. Monografia de graduação, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Ciências.

Souza, Felipe Duarte da Silva Alves de; e Moura, Fernanda Messeder. A noção de *Pietas* nas práticas religiosas de *Rudens Principia*, Rio de Janeiro 39, (2019): 33-45.